

## Cemoroc Clássicos

### O que é o Amor?

Josef Pieper<sup>1</sup>

**Resumo:** Conferência filosófica clássica de Josef Pieper sobre o alcance e os pressupostos antropológicos do amor.

**Palavras Chave:** amor. antropologia filosófica. *caritas*. virtudes teológicas.

**Abstract:** Classical philosophical lecture by Josef Pieper on love and its anthropological background.

**Keywords:** love. philosophical anthropology. *caritas*. theological virtues.

#### I

É necessário estarmos atentos para o fato de que, no campo da linguagem, ocorre um contínuo desgaste das palavras. Precisamente as grandes palavras, que designam – ou deveriam designar – algum aspecto grandioso da realidade humana, estão expostas a esse desgaste. Até que chega um momento em que simplesmente já não suportamos mais ouvi-las porque começam a causar-nos irritação. Quem, por exemplo, ao folhear uma revista ilustrada no barbeiro, já não sentiu o desejo irresistível de nunca mais pronunciar a grande palavra “amor”? Mas, não se pode simplesmente calar e deixar de lado essas palavras fundamentais, como também não se pode substituí-las por outras.

É verdade que este constrangimento, pelo qual talvez nos sentíssemos tentados a não abordar o tema “amor”, situa-se no âmbito dos gostos e das impressões. E quando, apesar de tudo, nos decidimos a falar sobre o amor – esta palavra, “amor”, tantas vezes mal conceituada e de tantas formas deturpada –, percebemos então a imensa dificuldade inerente a esse assunto, a dificuldade que reside na incomensurabilidade simplesmente arrebatadora do próprio objeto.

Precisamente a língua alemã – pelo menos esta é a impressão que se tem à primeira vista –, parece acentuar infinitamente essa dificuldade. Os gregos, os romanos e mesmo as línguas modernas derivadas do latim dispõem de um grande número de substantivos para designar as múltiplas facetas do fenômeno amor, ao passo que a nossa própria língua alemã é carente: vê-se obrigada a designar realidades diversas pela palavra *Liebe*.

Assim, usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho (“eu amo o Borgonha”); como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando dificuldades; a atração mútua entre homem e

---

<sup>1</sup>. Renomado filósofo, catedrático da Universidade de Münster, falecido em 06-11-97. O original encontra-se em “Glauben, Hoffen, Lieben” Freiburg: Informationszentrum Berufe der Kirche, 1981. Trad.: Jean Lauand & Gabriele Greggersen.

mulher; ou ainda, a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto dispomos de um único substantivo: *Liebe*<sup>1</sup>.

Além do mais, esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de, apesar de tudo, não perder de vista aquilo que há de comum, de coincidente, entre todas as formas de amor.

E qual poderia ser este elo de ligação comum? Em outras palavras: o que há de comum entre os amores, o que significa *em geral* “amar”: amar o vinho, a música, o amigo, a pessoa amada ou o próprio Deus?

Estou convencido de que há, de fato, uma resposta para esta questão. E a resposta é a seguinte: amar, em qualquer caso, denota *aprovação*. Amar algo ou amar alguém sempre significa afirmar: “Que bom que isto existe!”, “Que bom, que maravilha que você está no mundo!”.

## II

No entanto, se a aprovação é realmente o que há de comum a todas as formas de amor, se é o impulso fundamental de todo o amor, então é necessário, naturalmente, que essa aprovação não possa considerar-se mero fenômeno verbal.

“Que bom que isto existe!”. “Que bom, que maravilha, que você está no mundo!”: estas, obviamente, não são afirmações neutras e inócuas<sup>2</sup>. Não, não se trata de modo algum de meras declarações verbais; elas têm um sentido de expressão de uma vontade. A aprovação que se realiza no amor significa: estou de acordo, comprometo-me, aprovo e reafirmo, envolvo-me, reconheço e assumo, endosso através do meu aplauso; louvo, exalto e glorifico o fato de determinada coisa ou determinado alguém, precisamente a pessoa amada, existir.

Naturalmente, aprovar representa um grau muito menos intenso de afirmação do que exaltar e glorificar. No entanto, os itens da enumeração acima têm algo em comum: trata-se, em todos os casos, de formas de estar de acordo, de uma sintonia da vontade. O que todas dizem é: eu *quero* que este algo ou que este alguém exista. Amor é um tipo de querer, uma forma de vontade.

O fato de nós, ao ouvirmos essa caracterização do amor, inicialmente ficarmos com uma certa reserva, guarda relação com o esvaziamento e empobrecimento de nossa concepção de vontade, um empobrecimento ao qual já acabamos por acostumar-nos. *Querer*, no sentido que damos à palavra hoje, é essencialmente e acima de tudo: *querer-fazer!*

Para a grande tradição do pensamento europeu, porém, era óbvio que a *afirmação* é que é o ato fundamental da vontade, e, portanto, do amor. E este ato fundamental se caracteriza precisamente não por buscar a alteração do que aí está, mas pelo endosso e *afirmação* daquilo que já é.

Certamente – os antigos bem o reconhecem –, todo o querer-fazer é, desde a base, perpassado pelo amor; todas as decisões de escolha e todos os demais atos da vontade são sustentados pelo ato fundamental da aprovação: o amor. Agostinho

---

1. Por outro lado, se penetrarmos no âmbito dos verbos, será preciso reconhecer que a língua alemã não é, de modo algum, tão pobre como o pretendia um de seus grandes filólogos. Algumas expressões verbais possuem uma profundidade quase insondável, como, por exemplo, “*einander leiden moegen*” [literalmente: “desejar sofrer-se mutuamente”, no sentido de “gostar”].

2. Se bem que, naturalmente, poderiam sê-lo, se considerássemos as coisas do ponto de vista do mero falar.

expressou isto da seguinte forma: *Ex amore suo quisque vivit*, cada um vive pelo seu amor.

Se, pois, o amor é o ato fundamental da vontade, o que, afinal de contas, é o que se *quer* ao amar? Quanto a isto, existe uma antiga resposta: a primeira coisa que quem ama quer é que o amado exista e viva.

Muito bem, – poderia alguém considerar – mesmo admitindo que aquela comoção, “Que bom que você existe!”, possa ser consciente e plena, sincera e de todo o coração; certamente, porém, como dizíamos, podem dar-se nela diferenças consideráveis de grau de intensidade...

Mas o fato é que, até mesmo no nível menor e mais fraco, continuase ainda expressando concordância com a pura e simples existência do outro. E isto certamente não é pouco, como se pode verificar, propondo-se a si mesmo a questão-teste: “Será que eu, no mais profundo do meu ser, estou de acordo com o fato de que este determinado ente – talvez muito especial, talvez até neutro, como aquele morador estranho lá do prédio, o colega de trabalho, o vizinho –, de que este ente pura e simplesmente exista?” E só então, pode-se afirmar: “Que maravilhoso que você existe!”

Mais uma vez: suponhamos que esta afirmação seja feita de todo o coração. Mas, acaso o ser amado já não existe de qualquer modo, independentemente de tudo? Independente de eu o amar ou não? O meu amor, portanto, não tira nem acrescenta nada a isto. Ou será que, ao contrário, ele faz diferença, de fato?

### III

O que significa propriamente para um ser humano o fato de que exista um outro, que se volte para ele e lhe diga: “Que maravilha que você existe!”? Bem entendido: supondo que este outro não está apenas dizendo isto “da boca para fora”, mas de verdade, querendo dizê-lo e, por assim dizer, “vivenciando” esta afirmação.

Quem faz esta pergunta – é evidente – está perguntando-se por aquilo que, afinal de contas, o amor *deve* ser, qual seu papel, qual sua função, o que é que ele consegue realizar neste mundo. Será que o fato de alguém ser amado ou não faz diferença? Esta é uma questão que merece ser explicitada a partir da “outra margem”, isto é, do ponto de vista daquele que é objeto de amor.

Se consultarmos neste sentido os escritos antropológico-filosóficos de peso, que, como se pode imaginar, preenchem bibliotecas inteiras, então obteremos – apesar da diversidade de enfoques – uma resposta espantosamente unânime, que, não raro, causa estranheza e parece, à primeira vista, assombrosa.

O que se afirma é algo assim: no amor afiança-se, confere-se diretamente ao ser amado o seu existir. Mesmo Jean-Paul Sartre que, em sua teoria filosófica, defende a afirmação de que cada ser humano é inimigo do outro e mesmo o seu verdugo em potencial, mesmo Sartre, que felizmente também é um poeta e sabe descrever a realidade humana concreta de forma genial, mesmo Sartre responde à nossa pergunta afirmando que isto é o núcleo, *le fonds*, da alegria de ser amado: é então que nos sentimos justificados por existir. E, em Gabriel Marcel, encontramos esta grandiosa afirmação: “Amar uma pessoa é dizer-lhe: ‘Você não morrerá jamais’”.

Por mais que se possa considerar euforicamente exageradas essas formulações e que tenham ultrapassado os limites impostos à finitude do ser humano, um aspecto da realidade, porém, é posto em foco e manifesta-se ao olhar; a saber, que de fato a máxima forma de afirmação que se possa conceber é a *creatio*, a criação em sentido estrito.

Na formulação de um filósofo alemão, a criação é o grau máximo da afirmação, do dizer-sim. É precisamente isto também o que se impõe como evidente, para além do âmbito das argumentações e das demonstrações, para quem realmente está amando. Este *sabe* que o seu ato de afirmação dirigido ao outro, ao ser amado, cairia simplesmente no vazio, se não estivesse em jogo algo como a criação, e isto não apenas como dado já pré-estabelecido ao próprio ser amado, mas como uma realidade que ainda está em processo de desenvolvimento e do qual ele mesmo, o que ama, participa precisamente pelo próprio ato de amar.

Naturalmente, também esta intuição cairia no absurdo e na ficção se pretendesse atribuir ao homem uma força criadora em sentido estrito e literal. Mesmo porque *já* houve um outro alguém, um Alguém absoluto, que antes mesmo que se pudesse falar em amor humano ou coisa assim, já disse: “Eu quero que você seja. É bom, é muito bom que você exista!”. Daí que todo o amor humano não seja mais do que uma constante reconstituição, uma espécie de repetição, do amor criador de Deus. Uma reprodução que, se tudo corre bem, é ao mesmo tempo um prolongamento e uma consumação daquilo que começou com a Criação.

#### IV

Se considerarmos bem a questão, não deixa de ser surpreendente que ao homem não baste o puro e simples existir, o que, afinal, em todo caso já lhe é dado, independentemente de qualquer outra coisa, independentemente inclusive de que alguém se volte para ele e lhe diga: “Que bom que você existe!”. Entretanto, é justamente desta confirmação explícita que carecemos. Além do puro existir, necessitamos também de ser amados.

Isto, repito, é deveras algo extremamente espantoso: o ser criado por Deus, em certo sentido, parece não ser suficiente. A obra criada necessita da continuação e da consumação que lhe é dada pelo poder criador próprio do amor humano. Isto, dizíamos, é assombroso; mas é-nos confirmado por toda parte, através das experiências mais concretas que possamos vivenciar dia após dia e que se revelam através de modos de falar que nos são extremamente familiares. Acaso não dizemos, por exemplo: “Alguém floresce quando se vê amado”; “Só agora essa pessoa está sendo totalmente ela mesma”; “Para fulano começou uma vida nova”?

Ao que parece, para a criança, e na verdade até para o nascituro, ser amado é literalmente a condição para a formação do próprio ser. São bem conhecidas as pesquisas realizadas pelo psicólogo René Spitz, em que se estuda comparativamente, por um lado, crianças que nasceram na prisão, sendo criadas e amamentadas pelas próprias mães detentas, e, por outro lado, crianças de creches americanas, que, em condições higiênicas perfeitas, receberam assistência de *nurses* muito bem formadas. Qual foi o resultado desta pesquisa comparativa? Bem, as crianças criadas pelas suas mães estavam incomparavelmente melhor, tinham muito mais resistência a tudo que diz respeito a mortalidade, doenças, crises nervosas, etc.! Ou seja, parece que não basta ao ser humano receber alimento suficiente, não passar frio, ter um abrigo e dispor de tudo aquilo de que precisa para a satisfação das suas necessidades materiais de sobrevivência. Afinal de contas, as crianças do orfanato recebiam tudo isto em abundância; recebiam o *leite*, mas não o *mel*.

O recurso à imagem bíblica da terra prometida, da que mana leite e mel, encontra-se no sociólogo e psicólogo, radicado nos Estados Unidos, Erich Fromm. *Leite*, para ele, é a essência daquilo de que necessitamos para a satisfação das necessidades materiais; enquanto o *mel* simboliza, para além disso, o lado doce da vida, a felicidade de existir. Isto, no entanto, só nos é conferido quando alguém nos

diz, verbalmente ou não: “Que bom que você existe!”, o que, ao que parece, não era o caso das crianças da creche.

Esta, sem dúvida, é uma atitude interior que não pode ser exigida de ninguém como cláusula de um contrato de trabalho. O amor é, por natureza, não-devido. Ele é essencialmente e sempre, uma dádiva. No sentido exato, pura e simplesmente *a dádiva*, o *dom* por excelência: como afirmou Tomás de Aquino: “O amor é o dom fundamental e qualquer outra coisa imerecida que possamos receber, torna-se uma dádiva apenas por meio do amor.

## V

Um fato sem dúvida notável que se pode observar nos escritos atuais é que ser amado e, mais precisamente, o querer ser amado, é algo que só raras vezes encontra acolhimento.

Presumo que, por trás das múltiplas facetas deste fato – tudo o que tem que ver com o amor possui, aliás, essa diversidade de aspectos – se oculte algo dificilmente perscrutável, cujo reconhecimento, porém, é da maior importância. Nietzsche definiu o desejo de ser amado como a maior de todas as petulâncias e a literatura psicanalítica indica com o maior desdém que a maioria das pessoas vê o problema do amor não no amar, mas no ser-amado. E até mesmo o “Sr. Keuner” das histórias de Brecht, dá a entender que o desejo de ser amado tem pouco a ver com o amor legítimo.

Platão chama a atenção para uma nova dimensão do fato, dizendo que o ser que ama tem mais de divino do que aquele que é amado. A verdade recolhida nesta sentença poderia ser traduzida de múltiplas maneiras acessíveis e compreensíveis. Por exemplo: “Seria preciso ser Deus, para se ter a capacidade de amar exclusivamente, sem depender de ser amado”. Ou: “É um privilégio divino ser mais capaz de amar do que de ser amado”; ou ainda: “Nós, os seres humanos, nunca seríamos capazes de amar a Deus tanto como Ele nos ama”. Conclui-se daí algo que é ainda mais importante: em comparação com o ser de Deus, o ser do homem exige mais ser amado mais do que amar.

Quem reflete sobre isto bem poderia perguntar-se se esse descrédito geral do desejo de ser amado não constitui apenas mais uma das centenas de máscaras que encobrem aquela pretensão de ser como Deus. No contexto desse pensamento, o conceito usual de vida “agradável” a Deus, tão frequente no modo de pensar cristão, adquire inesperadamente uma dimensão totalmente inédita, que lhe restitui (ou confere pela primeira vez) um realismo sadio. Manifesta-se assim a densidade com que se dão os fatos existenciais fundamentais de uma vida realmente humana: consciência, medo da perda de amor, culpa, o “ser agradável a Deus”.

Querer agradecer, afinal de contas, significa ao mesmo tempo querer ser amado. Não dista muito disto o conceito de *glória*. Os antigos, sem constrangimentos, definiram a glória como fama: o ser reconhecido publicamente, e até ser reconhecido pelo próprio Deus.

Para nós, pessoas modernas e esclarecidas, esta descrição tão ingênua choca-nos um pouco de início. Mas esse choque conduz-nos a níveis um pouco mais profundos, quando nos vemos desafiados a entender *glória* como sendo, na verdade, a mais plena realização da existência, justamente porque não representa nada mais, nada menos do que a glorificação da vida eterna.

Nisto são-nos conferidas duas responsabilidades: em primeiro lugar, a de confessarmos a nós mesmos que não há desejo mais forte no íntimo de nosso ser do que o de sermos reconhecidos e elogiados publicamente; e, em segundo lugar, que não

nos rendamos ao fascínio exercido pela tenebrosa teimosia de não nos deixarmos agradecer, nem tampouco à ingenuidade de exigir constantes confirmações deste tipo.

A outra concepção existencial contida na palavra *glória* supõe, pelo contrário, que conduzamos nossa vida numa atitude que se poderia muito adequadamente descrever como infância, ou seja, que a conduzamos de forma absolutamente livre de falsificações rumo à confirmação por parte “dAquele que nos amou primeiro”, que declara e ao mesmo tempo efetua, agora publicamente, isto é, diante de toda a criação, que é magnífico sermos o que somos.

## VI

Certamente continuo sustentando que o amor sempre é não-devido, e, portanto, uma dádiva. Apesar disto, no entanto, continua de pé a questão de se aquele que ama se limita a ser alguém que quer apenas agradecer o outro e nada mais. Será que ao amar não se visa também alguma recompensa? Não é precisamente o desejo da felicidade o que propriamente propele todo o amor – o anseio de alegria, de uma condição de vida mais abundante, de uma existência realizada, a caça da integridade original (como diz Platão)?

Quando nos aprofundamos nesta questão, ela se revela extremamente complexa e multifacética. Por um lado, é peculiar a todas as formas de amor verdadeiro não buscar exclusivamente a si mesmo. Friedrich Nietzsche empenhou muito sarcasmo para desvendar o que chama de um *non-sense* medonho: “que o amor deva ser algo não-egoísta”. Pois, para ele, pelo contrário, o amor é o “mais nobre desejo de posse”, e aquele que ama “é mais egoísta que qualquer outra pessoa”. Mas até mesmo Nietzsche não consegue esquivar-se de admitir que, quando se fala de “amor”, mesmo “a mulher mais inteligente e o homem mais ordinário... lembram-se dos momentos comparativamente mais altruístas de toda a sua vida”. E coincide aqui com um homem tão diverso como Agostinho, que numa de suas sentenças diz o seguinte: “Aquele que não é amado por ser o que é, na verdade não é amado” E num outro trecho: “Se amares, então ama sem recompensa”.

Este é *um* dos lados da moeda. No entanto, devemos ter em conta também o *outro*: isto é, que também não têm razão aqueles que menosprezam o amor que tudo exige e de tudo necessita, o amor voraz ao qual eles chamam de “amor assalariado”, que, como expressou Karl Barth, não passa de um “apetite, ora mais nobre, ora mais vulgar”, de um amor-próprio disfarçado, de um mero espreitar recompensa.

A esta altura é preciso fazer mais uma vez menção de Agostinho: “Quem ama de verdade, tem a sua paga na pessoa amada.” Neste caso, haverá de fato uma recompensa pelo amor?! Consideremos que a própria palavra “recompensa” (*Lohn*) não é tão unívoca quanto à primeira vista parece, pode referir-se ao salário ou pagamento (*merces*) ou ao prêmio (*praemium*), no qual se expressa precisamente o caráter de dádiva, de algo não-exigível, não-reivindicável.

Estamos falando daquela recompensa que é dada como um fruto que germina no interior do amor e tão somente no íntimo de um amor real.

Quanto a isto, parece-me que ninguém falou tão claramente quanto Bernardo de Claraval – em cuja formulação, diga-se de passagem, há dois aspectos dignos de nota: que ela, por um lado, procede de um tratado sobre o amor *divino*, no qual, por outro, não se menciona em nenhum momento o nome de Deus. Bernardo afirma o seguinte: “Todo o amor verdadeiro é sem cálculo, mas nem por isto deixa de ter a sua recompensa; no entanto só pode recebê-la, se for sem cálculo... Quem procura no amor algo diferente do amor, perde não apenas o amor, mas também toda a alegria do amor”.

Continuamos, pois, a sustentar firmemente que o amor não procura “o seu”. No entanto, uma vez satisfeito este pressuposto não-calculista do desprendimento, aquele que assim ama acaba recebendo de fato “o seu”. E quem é que poderia, em sã consciência, desprezar esta recompensa pelo amor empenhado?

Os grandes mestres do cristianismo afirmaram-no muitas vezes: Deixar de querer a felicidade é algo inteiramente contrário à natureza do homem. Um amor tão absolutamente desprendido, sem razão alguma de ser – como é o amor defendido por determinados teólogos que afirmam ser ele o único amor verdadeiramente cristão –, encontra-se além das nossas possibilidades.

Ou seja, o paradoxo de um amor-próprio desprendido continua de pé. Não é muito difícil adivinhar quem é o autor das seguintes sentenças: “Se amas a tua alma, estás correndo grave risco de fazê-la naufragar. Portanto, não podes amá-la, na medida em que não queiras que ela naufrague. Por outro lado, ao não desejar o seu naufrágio, já a estás amando”. O autor é, mais uma vez, o “Doutor do amor”: Agostinho. E eu posso perfeitamente imaginar com quanto prazer ele aplicou a dialética a esse pensamento bíblico, ao mesmo tempo dócil e rebelde.

Mas naturalmente não estamos tratando aqui de um jogo de *esprit* ou de mera elegância retórica. Trata-se de um perigo a que todos estamos cotidianamente expostos, o da repentina extrapolação do limite que separa o amor verdadeiro e o desejo de prazer egoísta. De repente, de forma mais ou menos inadvertida, podemos acabar por procurar algo de estranho ao amor, e a pessoa amada deixa de ser um alguém humano para transformar-se para nós, talvez inesperadamente, em um indivíduo qualquer, como se fosse coisa, um mero “mecanismo” – como diz C. S. Lewis, de forma impiedosamente drástica – um mecanismo “que se usa para diversão”.

## VII

Esta é que é propriamente a tragédia da sexualização selvagem, fomentada pela manipulação comercial e publicitária que condiciona cada vez mais a tendência da opinião pública de hoje: de considerar o outro – que em si é um alguém íntimo, com um semblante próprio e característico – como mero parceiro sexual, que nem mesmo chega a ser expressamente considerado. Certo psicanalista americano definiu o que ocorre aqui de uma forma seguramente oportuna e contundente. Diz ele que, na visão do *playboy*, a folha de figueira só foi deslocada para outro lugar; ela agora cobre o rosto humano. Com o mesmo incisivo acerto vem-se apontando ainda o caráter enganoso do mero encontro sexual: a “união dos corpos” permanece necessariamente uma ilusão; na verdade, as pessoas tornam-se depois dela dois estranhos muito mais distantes um do outro do que antes.

E assim o paradoxo torna-se compreensível: uma sexualidade isolada do todo da existência separa os sexos muito mais do que os une, deixando-os sozinhos precisamente no domínio em que se supunham mais seguros de encontrar-se. O resultado, como afirma Paul Ricoeur, o resultado – certamente não esperado pela geração de Sigmund Freud, que defendia a queda dos tabus sexuais – é a perda de valor pela facilidade, a queda livre do relacionamento assim trivializado até a absoluta futilidade. O que à primeira vista poderia parecer uma extraordinária liberdade, revela sua vizinhança fatal e inevitável com o completo desespero.

Já que nesta matéria costumam estar em jogo muitos outros equívocos, além do mero e proposital abuso da liberdade, não é de modo algum casual (pelo contrário, parece-me ser altamente significativo) que em autores sérios de hoje exatamente este ponto surja relacionado à ideia do demoníaco. Em Karl Barth, pode-se encontrar a

completa afirmação, que soa surpreendentemente drástica para o seu estilo: “Coito sem coexistência é algo demoníaco”. O americano Harvey Cox, teólogo batista, resgata a prática, já quase esquecida até entre os cristãos, da expulsão de demônios. Diz ele que não há ocasião em que o exorcismo seja tão necessário quanto em relação ao abuso cínico da sexualidade pelos charlatães do mercado e os feiticeiros do *marketing* e propaganda. É o que diz Harvey Cox no seu famoso livro *Secular City*. É certo que eu não consigo imaginar nem em sonho de que forma e em nome de que autoridade um Harvey Cox imagina a execução concreta do exorcismo; fica evidente, porém, que se trata de uma categoria religiosa, sagrada, ligada sem dúvida a um conceito que tem lugar numa esfera sobrenatural.

Neste mesmo âmbito situa-se também aquele pensamento que mencionamos logo de início: que aquela atitude interior que sempre reaparece em todas as formas de amor: “É bom que você exista!” é uma forma de repetição, de reprodução do ato criador divino, a força pela qual todo o existente no mundo não só existe, mas também é, ao mesmo tempo, algo bom, isto é, algo digno de ser amado.

No entanto, até agora, com tudo isto, não dissemos ainda uma palavra sobre o que distingue a estrutura do amor cristão. Se bem que também ele não transcende o âmbito da experiência.

Pode-se citar, por exemplo, o fenômeno extremamente admirável de Madre Teresa, ao socorrer os moribundos desamparados das ruas de Calcutá e cuida das feridas dos leprosos. Por um lado é impossível compreender e denominar isto que ela faz de outra forma que não pela palavra “amor”, amor solícito, nutrido também pelo impulso “É bom que você exista”. Esse impulso exige total dedicação daquela que assim ama, não somente no que diz respeito à afetividade sobrenatural, desvinculada de toda afeição natural, espiritual, mas permeando todos os níveis da existência. Por outro lado, porém, claramente acontece aqui algo de novo, algo que não pode ser classificado tão facilmente na mesma ordem que da amizade, da simpatia, da afeição, etc.

Precisamente esta novidade, porém, torna plausível essa atitude, como algo que está efetivamente ao alcance das possibilidades humanas, mas, mais precisamente, como algo que se fez possível ao homem. Para isto certamente seria necessário passar por alguns estágios mentais (e não apenas mentais). O primeiro passo, a Criação, já foi dado há muito: e aquele que efetivamente ama, repete faticamente a aprovação ocorrida no ato criador de Deus. Um segundo passo seria: identificar-se explicitamente não apenas com o ato de afirmação criadora, mas também com o Criador, ou seja, com o próprio Deus. No entanto, até mesmo com este passo não se teria ainda alcançado o estágio de amor verdadeiramente sobrenatural, que a teologia costuma chamar de *caritas* ou *ágape*.

Isto é possível apenas com base na certeza da fé, que foi dada ao homem por ocasião do Encarnação, na qual o homem recebeu a dádiva da participação imediata na força de afirmação criadora de Deus, do amor de Deus, portanto. De tal modo, que agora possamos, voltados para o outro de uma maneira totalmente nova (que, em outro caso não nos seria possível), dizer: “Que bom que você existe!”

Esta novidade, porém não destrói em nada a capacidade de amar natural nem a neutraliza e permite que não precisemos ficar constantemente à procura de formas distintas de relação com o amor sobrenatural (um sorriso, uma piada, um bate-papo com o vizinho sobre a cerca do jardim e até um grunhido simpático – tudo isto pode ser uma tentativa de, com todo potencial amoroso divino, consolar, perdoar, reconciliar-se). E mais, esta “natural naturalidade” não é apenas colocada como condição prévia inabalável do processo, mas também o acompanha até a consumação.



Por outro lado, essa novidade significa também transformação, uma transformação de tal ordem que talvez possa parecer totalmente estranha e causadora de estranheza.

Mas, afinal de contas, poder-se-ia perguntar, que há de comum entre o fitar-se amoroso dos amantes e a atitude daquela religiosa, que tem compaixão dos mendigos moribundos? Existe de fato uma relação, sim. É certo que somente alguém extraordinário sabe imediatamente constatar o extraordinário em cada pessoa ao seu redor (“maravilhosamente criada, e ainda mais maravilhosamente recriada, redimida”<sup>3</sup>). E, então, esta maravilha pode muito bem traduzir-se como exclamação de amor: “É maravilhoso que você exista!”. E, assim, viemos dar quase na linguagem do amor erótico! Apesar disto, fica claro: a consumação significa também transformação. E o conceito de consumação pressupõe que ninguém saiba prever à primeira vista, qual será a profundidade que ela irá atingir; o aprendiz não é capaz de imaginar como será o domínio da plenitude do mister nem o que será exigido dele antes que chegue lá. Talvez a natural capacidade de amar precise passar por uma espécie de morte, para conseguir continuar vivendo. É de Agostinho a assustadora formulação: Ao mesmo tempo em que a *caritas* nos recria e rejuvenesce, ela nos traz, em certo sentido, a morte: “*facit in nobis quamdam mortem*”.

É precisamente a este fato que se refere também a antiquíssima metáfora que chama a *caritas* de fogo, já que ela transforma tudo em cinzas e ao mesmo tempo, transforma-as em si mesma. Ou seja, trata-se de algo de muito mais sério do que uma piedosa e inofensiva invocação, quando o cristão reza: “Acende em nós o fogo do teu amor!”<sup>4</sup>.

Recebido para publicação em 29-08-22; aceito em 17-09-22

---

3. O autor cita a antiga oração da missa: “*mirabiliter condidisti, et mirabilis reformasti*” (Nota dos trad.)

4. Também uma antiga e conhecida oração: “*Veni Sancte Spiritus, reple tuorum corda fidelium et tui amoris in eis ignem accende...*” (Nota dos trad.)